

No túnel da arte perdida

A REALIDADE É UMA CADELA, diz Jean Baudrillard, em *La Pensée Radicale*. Demasiado explícito para ser verdadeiro, sustenta o teórico francês, o real é uma ilusão dos tempos áureos da crítica moderna.¹ Hal Foster, com *Recodificação: arte, espetáculo, política cultural*,² tenta pegar o último vagão da nostalgia modernista. Professor do departamento de História da Arte da Universidade de Cornell, Foster pode ser desculpado de alguns de seus julgamentos anacrônicos pelo fato de que seu livro chegou ao Brasil com 11 anos de atraso. No campo das discussões sobre o outono da modernidade e o nascimento da pós-modernidade, esse espaço de tempo equivale a toda uma era histórica.

Muitas das posições de Foster contra a maldição pós-moderna continuam, porém, a ser defendidas com argumentos mais consistentes por outros. Multiplicam-se a cada ano, por exemplo, os discípulos brasileiros de Fredric Jameson, cujo *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio* foi lançado pela Ática com apenas quatro anos de desvantagem em relação ao seu aparecimento nos Estados Unidos.³ Jameson encarna o mais sofisticado dos analistas de esquerda do pós-moderno. Foster não passa de um simulacro. Erudito, dialoga com Adorno, Habermas, Barthes, Foucault, Baudrillard, Jean-François Lyotard, Paul de Man, etc. Mas o Baudrillard que lhe interessa é o da crítica da economia signica, de 1972, ainda sob a influência dos ventos de 1968.⁴ Uma simples passada de olhos em *Le Crime Parfait*⁵ e em *Tela total*,⁶ dois dos mais recentes misseis teóricos de Baudrillard, é suficiente para mostrar a mudança no imaginário deste autor e na própria natureza conceitual dos fenômenos em discussão.

Hal Foster persegue a identidade perdida e a arte capaz de provocar rupturas sem ser mero pastiche. "Contra o pluralismo", título do primeiro ensaio do livro, escancara as

Juremir Machado da Silva

Sociólogo
Professor da FAMECOS / PUCRS

preocupações do ensaísta: a diversidade, filha do relativismo, torna tudo equivalente. Velho discurso contra a mídia, antiga lamentação contra a mercantilização da vida, pré-histórica denúncia da espetacularização atroz do artístico. Nas entrelinhas, quando não explicitamente, Foster clama por uma verdade pela qual possa viver e morrer. O espectro de Kierkegaard atormenta-o.

Foster quer resistir à “falácia expressiva”, em nome de legítimos “signos subversivos”, e, principalmente, pretende estabelecer um “conceito do político na arte contemporânea”, pois não aceita que a cultura seja tomada como um simples artefato de distração, mesmo erudita, da burguesia. Na era da expressão total, sugere, a comunicação está ausente. O artista precisaria retomar o seu papel crítico para ajudar a desconstruir o sistema hegemônico perverso. Órfão das vanguardas, Hal Foster ainda acredita que a arte possa servir de barreira contra a metástase capitalista. Nada como uma boa fantasia para justificar uma vida.

Fora de um paradigma dominante, artístico e epistemológico, Foster vê apenas a barbárie do ecletismo. A modernidade era crítica; a pós-modernidade, em seu entender, complacente. Esse tipo de simplificação deve encontrar boa clientela no Brasil dos intelectuais que insistem na relação abusiva entre pós-modernidade e neoliberalismo. No país do PT duro (apenas uma das vertentes do paradoxal ecletismo petista), simulação dos partidos revolucionários do proletariado, o elogio da polissemia tende a ser encarado como um novo estágio da banalização cultural.

Quando nenhum critério universal fundamenta o campo artístico e regulamenta as práticas sociais, a retórica reapropriada por Alain Finkielkraut, “um par de botas vale tanto quanto Shakespeare”,⁷ serve de lema para os velhos iluministas. Hal Foster inscreve-se, com méritos e defeitos, na linhagem tradicional dos que combatem o neoconservadorismo pós-moderno. Simpático

otimista com medo da anarquia, não percebe que o mal é muito maior, mas está em outros lugares ou no não-lugar ■

Notas

- 1 BAUDRILLARD, Jean, *La Pensée Radicale*, Paris, Sens & Tonka, 1994, p. 21.
- 2 FOSTER, Hal, *Recodificação: arte, espetáculo, política cultural*, São Paulo, Casa Editorial Paulista, 1996, 296 páginas.
- 3 JAMESON, Fredric, *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*, São Paulo Ática, 1996.
- 4 BAUDRILLARD, Jean, *Pour une critique de l'économie politique du signe*, Paris, Gallimard, 1972.
- 5 BAUDRILLARD, Jean, *Le Crime Parfait*, Paris, Galilée, 1995.
- 6 BAUDRILLARD, Jean, *Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem*, Porto Alegre, Sulina, 1997.
- 7 FINKIELKRAUT, Alain, *A Derrota do pensamento*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 131.